



Para lembrar – nº2

Clínica-Escola com Jorge Forbes

IPLA - segunda-feira - 13 de abril de 2009

1) Os novos parâmetros da Clínica-Escola

- O que acontece nestas reuniões está longe de ser uma supervisão, pois participam muitas pessoas ao mesmo tempo, com percursos muito diferentes.
- A supervisão é fundamental, mas não é isso que vamos fazer aqui.
- A idéia é fazermos uma série de reuniões sobre os Princípios da Clínica. Vamos levantar alguns aspectos da clínica, esperando que sejam importantes não só para os consultórios, mas para as três clínicas que mantemos: a clínica aqui no IPLA, a clínica no HC, e a clínica no Genoma.
- Estamos buscando novos parâmetros de admissão para essas clínicas, que toquem diretamente à experiência pessoal de cada um.
- O critério de admissão para a clínica psicanalítica é diferente do critério de admissão para o Corpo de Formação do IPLA.

2) Uma clínica sem Standards, mas não sem Princípios

- A clínica psicanalítica não é estandardizada e o critério utilizado nem sempre é claro.
- Numa sociedade de controle como a que vivemos mais que nunca o standard é valorizado. Vão nos perguntar: – Qual é o critério que utilizamos? Qual o critério para participar da clínica do HC? Qual é o critério para atender no Genoma? Qual é o critério para atender no IPLA? Qual é o critério para atender no consultório?
- A frase de Lacan – *O analista se autoriza desde si mesmo* – é uma frase-armadilha. Primeiro há que saber **quem é o si mesmo**. Se a pessoa acha que sustentar uma clínica é a partir do *eu mesmo*, então ela não pode sustentar clínica nenhuma, porque a clínica psicanalítica não é uma clínica egóica. O *si mesmo* é exatamente o que a pessoa não sabe o que é.



- Quem quer ser engenheiro faz faculdade de engenharia. Quem quer ser médico faz faculdade de medicina. Há critérios universais para a formação do engenheiro, do médico, do administrador de empresas, do psicólogo. Pode-se dizer que a **extensão** do conceito de engenheiro coincide com a **intenção** do conceito de engenheiro. Posso dizer “os engenheiros” ou “o engenheiro”. Para quem faz psicanálise posso dizer “os psicanalistas”, mas não tenho critérios para definir “o psicanalista”; a intenção do conceito é vazia. Daí a frase de Lacan: *O analista se autoriza desde si mesmo.*

3) A representação social da Psicanálise

- “O que é a representação social do fazer psicanalítico?”

Quando perguntamos – “Por que o analisando veio?” – podemos responder: – “Porque o analista o convidou.” Dissemos ao mundo que existe uma coisa chamada Psicanálise; oferecemos isso ao mundo.

Nós temos uma representação social. Uma boa forma de averiguar como anda a representação social é ouvindo os seus emissores, como os jornais.

(JF comenta a matéria do caderno Equilíbrio – FSP (9/4/09), com chamada na primeira página: **Os 10 pecados da terapia – os especialistas comentam lista que inclui os comportamentos que todo psicólogo ou analista deveria evitar, já que podem atrapalhar o processo terapêutico.**)

- JF leu a matéria já sabendo a priori que seria um pecador. Os três colegas (especialistas que comentaram) têm formação totalmente diferente um do outro e estão absolutamente de acordo quanto aos 10 pecados.
- O standard, no caso os pecados, realmente une as pessoas e deixa uma imagem do que seja o analista ou o terapeuta. Não há diferenciação do que seja uma coisa ou outra.
- A experiência lacaniana não foi suficiente para mudar essa visão das coisas. Lacan foi expulso em 1953 da Sociedade Psicanalítica de Paris, por ter rompido com os standards. Cinquenta e seis anos após, mesmo depois de Lacan ter criado uma grande Escola influente no mundo inteiro, a grande imprensa continua atrás do céu dos analistas.
- As pessoas querem saber o que é certo e o que é errado. De que maneira nós podemos gerar reflexões que sejam interessantes, sem por isso nos adequarmos à idiotia atual?



- Não existe a justa medida, não é possível nos adequarmos e dizermos qual é a roupa certa.
- Os analistas podem se perguntar: – Como nós poderíamos assegurar à sociedade de que modo ela está sendo tratada, como não cair nas mãos de um charlatão? Como poderíamos dar essa garantia? – Qualquer charlatão que se preze vai seguir, evidentemente, esses 10 itens, pois assim ele passa incólume. Como qualquer perverso, agradece quando existe uma lei moral forte a ser seguida; com isso ele pode disfarçar a sua perversão.
- Matérias como essa fingem atender ao problema, não atendendo. Isso não surge de fora, mas de dentro da própria comunidade “psi”.
- Esses movimentos surgem da necessidade das pessoas encontrarem alguma forma de respeitabilidade social que supra a “des-informação” das suas análises.
- Quando Lacan foi contra os protocolos, em 1953, causou escândalo... e ainda hoje continua causando.
- A intenção é que nós saíamos do lugar onde estamos acomodados e que isso sirva como reflexão de cada um. Não sabemos dizer qual a resposta correta, mas sabemos que isso não é uma resposta – é um desserviço.

4. Alguns princípios da clínica psicanalítica

- Lacan trabalhou esses princípios num texto de 1958 – *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*. Já a primeira parte do título é o que fez esse artigo muito famoso, quando Lacan diz: *O analista não dirige o paciente, mas dirige o tratamento*. Esse artigo começa por uma crítica severa, embora não clara numa primeira leitura, por esse tipo de moralismo superficial. Ele pergunta nesse texto: *Quem analisa hoje?* (JF lê o primeiro parágrafo do texto).
- Esse texto traz uma crítica à contratransferência.
- *O analista funciona muito mais pelo que ele não é do que por aquilo que ele é*. É esse – *não é* – que Lacan chama de *si mesmo*: – *Si mesmo* – é aquilo que nós não somos.
- Lacan tira o “alambrado” do campo da psicanálise.
- Não existe, para Lacan, a possibilidade de um analisando entrar e dizer: - “Vou te dizer uma coisinha antes da sessão”. Não tem uma coisinha antes da sessão ou depois; tudo é sessão.



(JF complementa sua tese lendo um trecho do livro de Abram Kardiner – *Minha análise com Freud*. Nesse texto verifica-se que Freud comete vários dos 10 pecados da terapia elencados no artigo da FSP.)

- Isso é uma resposta para quem acha que psicanálise é: fazer três “hum... hum”, quatro “talvez”, atender seis vezes por semana, usar terno cinza, colocar o divã em frente à porta, não por nenhum livro pessoal e nenhuma foto, não atender ninguém que more a seis quilômetros da circunferência do seu consultório – só para falar das leis habituais dessa Associação que achou por bem deixar Lacan solto.

(JF comenta a seguir um caso de experiência própria de início de análise: como estabelecer o valor da sessão. Mostra, com o exemplo, a diferença do ato analítico com as regras-padrão.)

- Nós não temos standards, mas temos que saber quais são os princípios que regem a nossa clínica. De que maneira pode-se sustentar cada uma dessas coisas, que a priori podem parecer loucas, ridículas, tolas?
- Lacan insistia *que o analista tem horror de seu ato*, para dizer que nós mesmos nos achamos estranhos frente às quebras necessárias da correspondência às regras de costumes.
- Termina com breve pontuação sobre uma das quebras protocolares de Lacan: o tempo lógico.

NOTA:

Ouçã na **Rádio Lacaniana** – site do IPLA – SESSÃO CURTA, programa de 10 minutos, com Jorge Forbes sobre o tempo de uma sessão analítica, gravado em 26/10/2005.

O link do programa (clique para ouvir):

mms://wme.psicanaliselacanianana.com/psicanaliselacanianana.com/sessao_curta.wma

Sinopse de Teresa Genesini